

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

AFONSO DO PAÇO E AS ESCAVAÇÕES DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (1937-1967): OS CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS POSSÍVEIS E SUA PROJECCÃO INTERNACIONAL¹

João Luís Cardoso² & Maria Ribeiro³

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho corresponde ao desenvolvimento de um contributo sobre as escavações realizadas no povoado calcítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) entre 1937 e 1967, que tratou especialmente os aspectos administrativos e logísticos que presidiram às escavações realizadas, no quadro da investigação arqueológica desenvolvida em Portugal entre os finais da década de 1930 e os finais da década de 1960, abarcando, deste modo, a quase totalidade do Estado Novo (RIBEIRO & CARDOSO, 2013).

Importava, contudo, prosseguir o trabalho encetado com a caracterização dos principais resultados científicos obtidos em tão prolongados trabalhos, que abarcaram mais de trinta ininterruptos anos de escavações, bem como conhecer o efectivo impacto que tais trabalhos tiveram na comunidade científica da época, aquém e além fronteiras. É esse o desígnio do presente contributo.

O povoado calcítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, também designado como “Castro” de Vila Nova de São Pedro, encontra-se no nordeste do concelho de Azambuja, a cerca de 55 km de Lisboa, perto da localidade do mesmo nome.

Estrategicamente localizado num outeiro, a cerca de 100 metros de altitude, cuja toponímia local o designa por alto do “Castelo”; nas suas proximidades corre a ribeira de Almoester e algumas outras linhas de água. O istmo ou promontório, assim isolado pelo entalhe das linhas de água mencionadas, constitui plataforma de topografia regular, oferecendo condições naturais de defesa, exceptuando-se o lado pelo qual ainda hoje se faz o acesso ao sítio arqueológico.

Vila Nova de São Pedro possui um dispositivo defensivo complexo de há muito conhecido, embora as vicissitudes que acompanharam a exploração arqueológica tenham determinado um desconhecimento muito desigual das diversas linhas defensivas que o integram, suas características, cronologia e desenvolvimento. Tais assimetrias no conhecimento da estação arqueológica, devem-se em parte às dificuldades sentidas pelos arqueólogos responsáveis – Afonso do Paço e Eugénio Jalhay – no decurso das escavações, a que ambos devotadamente se dedicaram, tendo ambos perdido a vida (respectivamente em 1950 e em 1968) sem as terem concluído.

¹ O primeiro signatário encarregou-se da organização e redacção deste trabalho, apoiado em pesquisas bibliográficas por si realizadas, a par das efectuadas, sob sua orientação, pela segunda signatária, nos arquivos da ex-Junta Nacional da Educação (Arquivo Histórico do Ministério da Educação e Ciência) e da ex-Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Arquivo Histórico do IHRU).

² Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

³ Mestre em Estudos do Património pela Universidade Aberta.

Com efeito, as prioridades do Estado Novo em matéria de investigação histórico-arqueológica e de política de recuperação do Património foram invariavelmente canalizadas – especialmente nas duas décadas áureas do regime, correspondentes aos anos 30 e 40 do século XX – para outros domínios cronológicos e temáticos, tais como a etnogénese do Povo Português, relacionada directamente com os Lusitanos e a Cultura Castreja, a par da recuperação sistemática de castelos e templos medievais, que evocavam, por um lado, a defesa da Independência do Reino, e, por outro, a Cristandade dos Portugueses, sob cuja inspiração se processou a Reconquista e, depois, a dilatação da Fé e do Império. Tal opção política explica as magras verbas alocadas ao longo dos anos às escavações de Vila Nova de São Pedro, apesar de os trabalhos serem promovidos por arqueólogos da confiança do Regime, o sacerdote jesuíta Padre Eugénio Jalhay e o então Capitão Afonso do Paço, que após o falecimento do primeiro assegurou a continuidade dos trabalhos, até ao seu falecimento, como Tenente-Coronel retirado do serviço activo (FERREIRA, 1970) (Fig. 1).



Fig. 1 – Tenente-Coronel Afonso do Paço (1895-1968). Arquivo de O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso.

2 – RESULTADOS OBTIDOS E SUA PROJECCÃO INTERNACIONAL

Apesar dos magros recursos alocados pelo Estado às escavações anualmente realizadas, já devidamente quantificados e publicados (RIBEIRO & CARDOSO, 2013), os resultados das sucessivas campanhas iam sendo atempadamente publicados, chamando progressivamente a atenção dos poucos investigadores nacionais sediados nas escassas instituições que se dedicavam à investigação arqueológica para a sua importância. Tais resultados foram rapidamente projectados além-fronteiras, o que explica a vinda de arqueólogos estrangeiros a Portugal, atraídos pela bela fortificação que se ia a pouco e pouco sendo descoberto, mas sobretudo, pelo ineditismo e diversidade do espólio encontrado e pela riqueza informativa que o mesmo proporcionava para o enquadramento desta sociedade pré-histórica até então desconhecida. Com efeito, durante as três décadas consecutivas em que dirigiu as escavações, Afonso do Paço, contou com a visita e colaboração de muitos arqueólogos, nacionais e estrangeiros, bem como com a participação de especialistas de outras áreas científicas, que o auxiliaram no estudo do espólio obtido.

Estas presenças permitiram a partilha de experiências e saberes num intercâmbio de ideias e metodologias, que constituíram uma mais valia para o aprofundamento do conhecimento desta estação arqueológica, que de ano para ano se afigurava cada vez mais importante, no contexto peninsular e europeu, como novidade absoluta que era.

Logo em 1939 identificou-se notável ritual de fundação, com o enterramento pelo menos um bovídeo, associado a um grande recipiente cerâmico, cujas características foram cuidadosamente descritas (PAÇO, 1943), mas das quais se não extraiu a devida conclusão, valorizando-se mais o recipiente, pelas suas inusitadas dimensões, do que o todo de que fazia parte integrante (CARDOSO, 2009).

Em 1942, o Prof. Padre Henri Breuil, que permaneceu em Portugal durante um longo período de tempo, no decurso da 2.^a Guerra Mundial, teve a oportunidade de visitar as escavações, na companhia de Georges Zbyszewski e de classificar numerosos restos de mamíferos delas provenientes, identificando as seguintes espécies: boi, cabra, cavalo, burro, cão, veado, javali, lobo, urso, porco-espinho, lince e texugo. Estas informações foram prontamente aproveitadas, vindo a ser mencionadas no relato das escavações de 1939, 1940 e 1941 (PAÇO & JALHAY, 1942), 1942 (PAÇO & JALHAY, 1943), e em publicações ulteriores. Ali se menciona a grande estatura de alguns bovídeos, o que pressupõe a possibilidade de existência de auroque, tal como se verifica em outros povoados calcólicos estremenhos. Com efeito, tal possibilidade foi expressamente admitida pelo Prof. Xavier da Cunha, ao verificar a presença de ossos e dentes de dimensões invulgares, entre os restos recuperados na campanha de 1953 (PAÇO, 1958 a, p. 76). Já a presença do burro doméstico (*Equus asinus L.*) merece ser encarada sob reserva, dado que poderá corresponder a restos de épocas mais recentes, ainda que a presença desta espécie no Calcólítico da Estremadura tenha sido recentemente demonstrada no povoado de Leceia (CARDOSO *et al.*, 2013).

A partir de 1942, a Estação Agronómica Nacional prestou colaboração científica através do Eng.^o agrónomo António R. Pinto da Silva, que determinou as espécies das sementes incarbonizadas entretanto recolhidas, objecto também de pronta publicação por parte de Afonso do Paço (PAÇO & JALHAY, 1942). Este engenheiro continuou, nos anos seguintes, a prestar a sua colaboração científica, vindo os resultados a serem publicados apenas por Afonso do Paço, ou por este e sua colaboradora de então, M. L. Costa Arthur, limitando-se a transcrever as mis-



Fig. 2 – Afonso do Paço (segundo da primeira fila, a contar da esquerda) e Eugénio Jalhay (primeiro da segunda fila, a contar da esquerda) com grupo de trabalhadores e trabalhadoras. Campanha de escavações anterior a 1950. Foto cedida pelo Museu Sebastião Arenque (Azambuja)

sivas de Pinto da Silva onde tais determinações lhe eram apresentadas, prática que prosseguiu ao longo dos anos (PAÇO, 1952; PAÇO, 1954; Paço, 1958 a; PAÇO & ARTHUR, 1953, 1955).

Em 1944, Maxime Vaultier e o Dr. Georges Zbyszewski voltaram a visitar as escavações (o segundo já tinha acompanhado Breuil em 1942) (PAÇO, 1954, p. 41), tendo regressado em 1946, juntando-se a estes o Prof. Carlos Teixeira, para se proceder a um reconhecimento geológico do castro e imediações.

Em 1945, as escavações receberam a visita de Georg e Vera Leisner, que, conforme declara Afonso do Paço, *“compararam VNSP a Los Millares (...), disseram que o cemitério devia ficar para os lados do moinho de vento, em todo o caso nunca a mais de 5 ou 8 minutos de caminho”* (PAÇO, 1954, p. 47). Esta informação, por certo inspirada pela realidade verificada em Los Millares (Almeria), não se confirmou, configurando uma das maiores lacunas no conhecimento da estação arqueológica, como um todo, também extensiva a todos os outros povoados calcolíticos estremenhos mais importantes. O casal de arqueólogos alemães voltou em 1949 (PAÇO, 1954, p. 75), tendo então admitido a existência de dois povoados sobrepostos, destruídos por incêndios, sendo o mais moderno já da época argárica, com base essencialmente na recolha de um machado de tipologia característica, o qual, depois de analisado, confirmou tratar-se efectivamente de uma liga de bronze (SOARES, 2005). Voltaram ambos uma terceira vez em 1950, para realizarem algumas sondagens próximo do povoado na tentativa de encontrarem a necrópole, que se mostraram infrutíferas (PAÇO, 1954, p. 79). A 30 de Novembro desse ano de 1950 morre o P.^o Eugéneo Jalhay, perdendo Afonso do Paço a colaboração deste arqueólogo, com quem, desde 1937, vinha ali desenvolvendo, em estreita sintonia, os trabalhos em apreço (Fig. 2).

Em 1951, o Eng.^o Carlos Martins de Oliveira, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, informou que as análises às ligas metálicas efectuadas às amostras enviadas confirmavam a existência de objectos de bronze. Com efeito, a colaboração com aquele laboratório do Estado havia de revelar-se muito importante, através da participação da Eng.^a Antera Valeriana de Seabra, que se estendeu às observações metalográficas das ligas metálicas em apreço, pela primeira vez efectuadas em Portugal. Uma vez mais, se observa a postura de Afonso do Paço de não conceder colaboração na autoria dos trabalhos em que publicou os resultados obtidos pelos especialistas das diversas áreas a que recorria: publicou-os sozinho (PAÇO, 1954, 1955), ou em co-autoria com quem nada tinha contribuído para eles (PAÇO & ARTHUR, 1956), postura que se afigura de difícil explicação, mesmo tendo em consideração as regras vigentes à época.

As análises de ligas de cobre por espectrografia de Raios X, de artefactos de VNSP foi de novo abordada aquando da realização sistemática, no âmbito do projecto europeu do Laboratório de Stuttgart, tendo as colheitas de materiais sido efectuadas por Edward Sangmeister e por Béatrice Blance (PAÇO, 1964, p. 160). Contudo, desta vez a realidade foi outra: os resultados foram primeiramente publicados na Alemanha, sem a participação de A. do Paço, o que se compreende, dado que se tratava de um *corpus* envolvendo o espaço europeu, para o qual contribuíram numerosos arqueólogos, incluindo outros portugueses.

Uma das mais notáveis descobertas efectuadas na campanha de 1952, foi o forno de cozer cerâmica, o qual se encontraria em plena laboração na altura em que foi destruído, ou pelo menos abandonado (PAÇO, 1957). Esta estrutura, adossada a um troço da face interna da muralha da fortificação central posto à vista naquele ano, possui planta semi-circular e cobertura em falsa cúpula feita de blocos pétreos ligados por sólida argamassa de greda de cor esbranquiçada. Nesse mesmo ano, o Eng.^o Agrónomo J. Vieira Natividade, reconheceu através do estudo de amostras, a presença do pinheiro (?) e da cortiça de sobreiro, associada a restos recolhidos aquando da escavação do forno para cozer cerâmicas, mas os resultados foram de novo exclusivamente apresentados por Afonso do Paço, através da simples transcrição da missiva que lhe foi enviada pelo ilustre Professor do Instituto Superior de Agronomia (PAÇO, 1952, p. 19). O mesmo procedimento foi extensivo às colaborações dos Drs. Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, que se ocuparam, no mesmo ano, da identificação dos moluscos marinhos. Ainda em 1952, Afonso do Paço contou com a colaboração da Dra. Maria de Lourdes Costa



Fig. 3 – Afonso do Paço, ao centro, com grupo de trabalhadores e trabalhadoras. Ao seu lado direito, encontra-se Maria de Lurdes Costa Arthur. Campanha de escavações de 1952. Foto cedida pelo Museu Sebastião Arenque (Azambuja).

Arthur, que participou em apenas três campanhas de escavações, as de 1951 a 1953, conforme declara A. do Paço (PAÇO, 1957, p. 89, nota 1) (Fig. 3).

Em 1953, foi enviado para o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, ao cuidado do Prof. A. Xavier Cunha, um conjunto de fragmentos de ossos e dentes de animais recolhidos na campanha daquele ano. Como de costume, o trabalho foi apenas subscrito por Afonso do Paço, que se limitou a transcrever, como era seu timbre, a carta do referido Professor com a lista de espécies identificadas (PAÇO, 1958 a, p. 75). Nesta lista, importa registar a existência de castor (*Castor fiber*, L.), cujos restos, dado o seu interesse, foram posteriormente publicados monograficamente por aquele Professor (CUNHA, 1961). Com efeito, foi a primeira e única vez que se identificou a presença de tal espécie no Holocénico do território português. Nova remessa de restos faunísticos, recuperados na campanha de 1956, foi enviada a Xavier da Cunha, tendo resultado em nova lista publicada (PAÇO, 1958 a). Com algumas pequenas diferenças, os resultados apresentados por Xavier da Cunha a Afonso do Paço, corroboram os obtidos em 1942 por Henri Breuil.

Importa salientar que as amostras de madeira incarbonizada recolhidas em 1952 aquando da escavação do forno para cozer cerâmica foram, logo em 1953, enviadas através da Embaixada dos Estados Unidos da América em Lisboa, para a Universidade de Harvard, ao cuidado do Dr. Bruce Howe, para, com a colaboração do Prof. Movius, serem submetidas a análises de Carbono 14 (PAÇO, 1957). Infelizmente, esta iniciativa, não teve o sucesso que merecia, por não ter a datação sido considerada prioritária, tendo a amostra sido devolvida a Lisboa por intermédio do General Humberto Delgado, então Adido Militar em Washington, acompanhada da determinação de pinheiro (*Pinus* sp.), feita pelo Prof. de Botânica da Universidade de Harvard, Prof. Barghoorn, impossibilitado de ir mais longe pela deformação das estruturas, produzido pelo calor. Caso tivesse tido êxito, esta datação

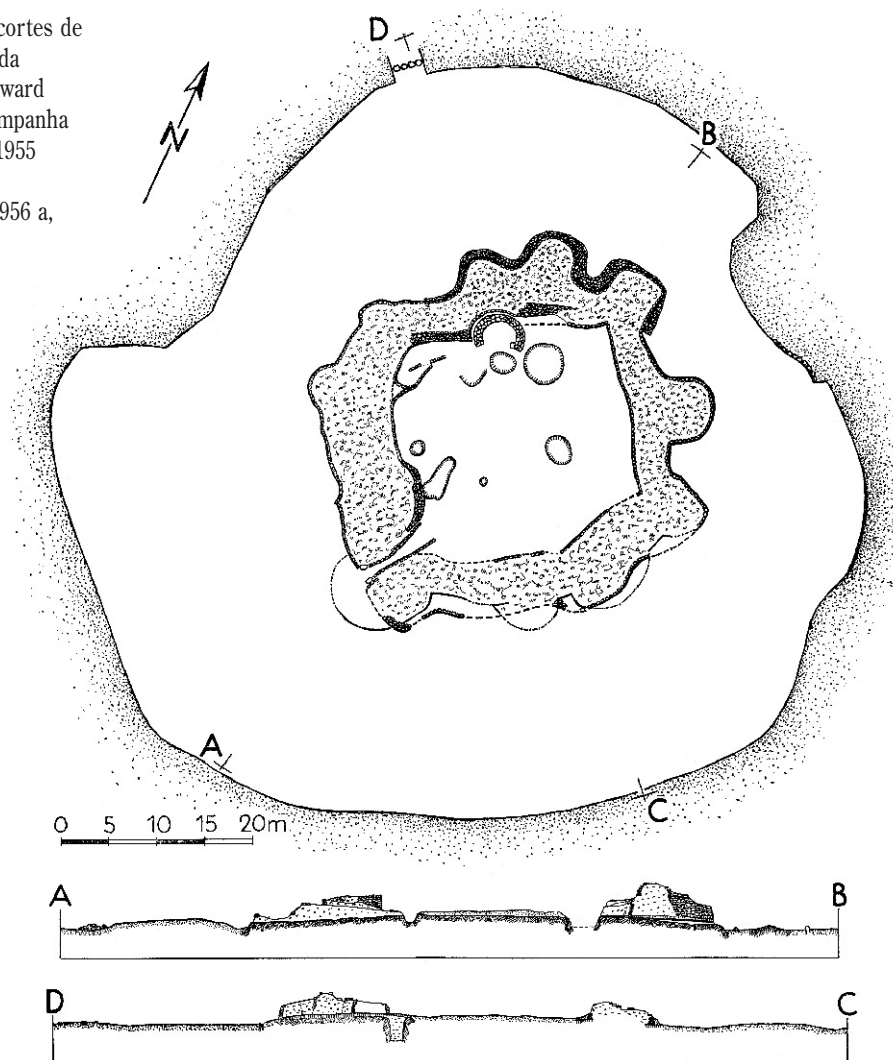
teria sido a primeira realizada em Portugal pelo método do radiocarbono, escassos anos depois de este ter sido certificado internacionalmente. Logo no ano seguinte, essa lacuna seria preenchida, pela amostra remetida por Jean Roche e O. da Veiga Ferreira para o laboratório de Saclay, França, recolhida em 1954 no concheiro da Moita do Sebastião (SOARES, 2008).

Em 1955, com a colaboração de Edward Sangmeister, Prof. da Universidade de Marburg e do Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid), foi elaborada a primeira planta rigorosa da fortificação (Fig. 5), fruto da utilização de metodologias de escavação e de registo mais avançadas, a qual foi de imediato publicada (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a; 1956 b). A vinda de Sangmeister decorreu do interesse suscitado pela comunicação de Afonso do Paço e M. L. Costa Arthur à IV Sessão do Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Zaragoza, em Madrid, em Abril de 1954 (não publicada nas respectivas actas), como Paço declara, em nota introdutória ao trabalho por si publicado em Portugal com Sangmeister (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a). Com efeito, desde 1951 se tinham identificado estratigrafia e estruturas, as quais continuaram a procurar-se em 1952, designadamente a face exterior da muralha da fortificação interna (PAÇO, 1958 a), ano em que se localizou o já referido forno para cozer cerâmicas, encostado à parede interna daquela estrutura defensiva, conforme se concluiu mais tarde (PAÇO, 1957). Foi também naquele ano que o sistema de vagonetas sobre carris para evacuação de terras das áreas escavadas mais se desenvolveu, sem prejuízo de, já desde 1939, tal sistema se encontrar montado, ao ponto de ter então atravessado num sector a muralha da fortificação central, sem que disso A. do Paço se tivesse apercebido (PAÇO, 1943, Fig. 10).



Fig. 4 – Sistema de carris/vagonetas. Afonso do Paço é o último do lado direito, observando-se M. L. Costa Arthur por detrás da vagoneta. Note-se a existência do forno para cozer cerâmica, adossado ao paramento interno da fortificação central. Campanha de escavações de 1952. Foto cedida pelo Museu Sebastião Arenque (Azambuja).

Fig. 5 – Planta e cortes de VNSP, resultantes da participação de Edward Sangmeister na campanha de escavações de 1955 (seg. PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a, 1956 b).



Em 1951 verificou-se, pela primeira vez, a existência de correspondência entre os paramentos interiores e exteriores da fortificação central, representados estes por cubelo, dos diversos que depois se puseram a descoberto no recinto interno, tendo-se levantado a planta da área escavada, que grosseiramente reproduz o traçado do dispositivo defensivo (fortificação central), até então quase completamente ignorado por Afonso do Paço (Fig. 6) (PAÇO, 1952, Fig. 2). Conforme declara *a posteriori*, e com toda a razão, “O seu encontro abriu uma nova era nas escavações deste castro (...)” (PAÇO, 1958 a, p. 72), verificando-se a sua acentuada sinuosidade e assinalável espessura (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a, p. 96).

O principal objectivo da campanha de 1954, foi o de prosseguir a identificação do contorno externo daquele recinto, pondo-se a descoberto mais dois cubelos e o que poderia constituir um pequeno lanço da segunda linha defensiva (PAÇO, 1958 a, p. 81 e Fig. 1).

Os resultados obtidos em 1954 prenunciavam claramente os que viriam a ser obtidos na campanha de 1955, tendo então sido levantada, com o contributo decisivo de Sangmeister, a já acima referida planta de todo o dispositivo defensivo representado pela fortificação central, publicada apressadamente e apenas por Paço (PAÇO, 1955) um ano antes do trabalho que elaborou conjuntamente com Sangmeister (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a; 1956 b). Note-se, aliás, a forma maniqueísta utilizada por Paço, ao declarar que Sangmeister “*assistiu, como convidado,*

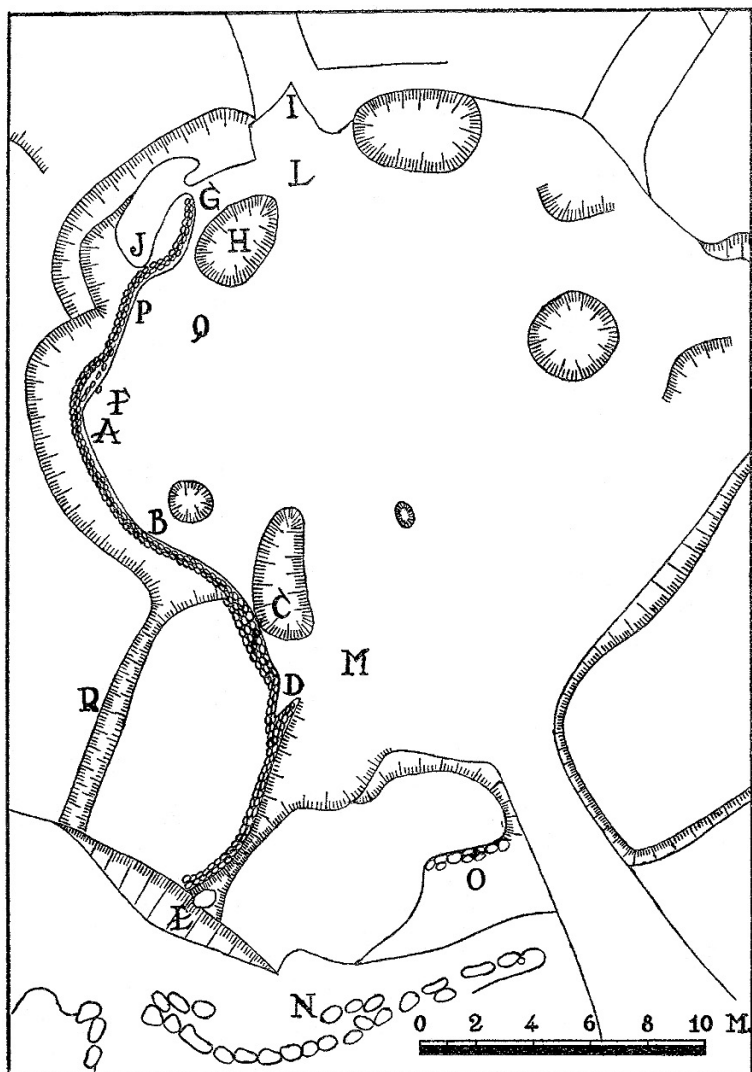


Fig. 6 - Planta de VNSP realizada após a campanha de 1951 (seg. PAÇO, 1952).

A esse propósito, Afonso do Paço manifesta-se em carta enviada ao Director-Geral do Ministério das Obras Públicas, considerando que a participação de estrangeiros nas escavações é do maior interesse para o País, alegando que a autorização concedida anteriormente ao Instituto Arqueológico Alemão em Madrid, para a vinda de E. Sangmeister abriu um precedente, havendo outros tantos que manifestaram esse desejo, sobretudo pela semelhança entre Vila Nova de São Pedro e o célebre povoado calcolítico de Los Millares (Almería), dado a conhecer pelos irmãos Siret nos finais do século XIX.

Naquela missiva, informa da vinda da licenciada Béatrice Blance, da Universidade de Edimburg, que vinha preparar a sua tese de doutoramento sobre Vila Nova de São Pedro e outros povoados semelhantes da Península. Na verdade, a então jovem arqueóloga britânica pretendia desenvolver estudos para o seu doutoramento, defendido em 1960, tendo a estada em Portugal propiciado a redacção de interessantes trabalhos sobre o terceiro milénio a.C. na Península Ibérica, nos quais transparece a ideia dominante da época, a de um difusionismo cultural que, oriundo do Mediterrâneo oriental, teria influenciado de forma determinante a realidade calcolítica do território português. Esta perspectiva, que em muito se deveu às escavações de VNSP (BLANCE, 1957), era

à escavação do castro de VNSP em 1955" (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a, p. 103), menorizando a importância do contributo do arqueólogo alemão naquela campanha, quando na verdade foi a ele que se deveu o principal impulso para a rápida e cabal compreensão da natureza da fortificação central, até então significativamente designada de "Morro Central", por falta de adequada compreensão da sua natureza e significado.

A participação de estrangeiros nas escavações de VNSP torna-se, depois do sucesso da presença de Sangmeister, mais frequente, coroando a actuação de Afonso do Paço que desde muito cedo procurou, com êxito, dar conhecimento internacional da estação: disso é prova a longa lista de felicitações apresentadas por eminentes arqueólogos europeus, em resposta ao envio dos primeiros trabalhos, publicada logo em 1942 (PAÇO & JALHAY, 1942). O sítio, mercê da sua precoce projecção científica internacional, em resultado de uma acertada política de divulgação dos resultados e de apresentação destes em numerosas reuniões científicas, atraiu assinalável número de pré-historiadores e de jovens que o procuraram para a realização dos seus primeiros trabalhos científicos.

partilhada pela generalidade dos pré-historiadores europeus da época, e encontrava-se apoiada ainda em algumas peças recolhidas em VNSP: lembre-se a descoberta em 1941 de notável estatueta antropomórfica de osso ou marfim, a qual, tendo sido observada por Breuil, logo na altura da descoberta, lhe lembrou logo as estatuetas orientais de Susa e da Caldeia (PAÇO & JALHAY, 1942). Os mesmos autores invocam também outros paralelos, de origem egípcia, ou as estatuetas pré-micénicas de Amorgos. Com efeito, trata-se de exemplar que, a par de outros recolhidos na estação, configuram inquestionável conotação cultural com o Próximo Oriente (GOMES, 2005). Outra peça, igualmente valorizada por este autor na perspectiva aludida, corresponde a uma cabeça de alfinete em forma de ave, que apareceu na campanha de 1946, tendo sido desde logo correctamente considerada como “coisa que destoa do conjunto arqueológico e nos faz pensar em influências do Mediterrâneo oriental” (PAÇO, 1954, p. 52). Aliás, remonta ao já então longínquo ano de 1942 a apresentação de comunicação de E. Jalhay sobre as afinidades observadas entre alguns objectos recolhidos em VNSP e exemplares egípcios pré-dinásticos (JALHAY, 1943), constituindo um contributo inovador no quadro peninsular, depois dos trabalhos seminais de Siret na Andaluzia Oriental, e por estes seguramente influenciado (ver, por todos, SIRET, 1913).

Afonso do Paço sublinha ainda que, sendo os estrangeiros considerados convidados do director das escavações, caberia a este dar-lhes a assistência necessária no local, nomeadamente assumir os custos relativos ao alojamento e alimentação, facto para o qual chama a atenção, pedindo que sejam facultadas verbas extras. Conclui-se assim que estas despesas não estavam contempladas nas verbas atribuídas anualmente para a realização dos trabalhos no início de cada ano económico, cujos montantes foram já dados a conhecer (RIBEIRO & CARDOSO, 2013).

No final de 1955, Afonso do Paço enviou uma carta à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, entidade que maioritariamente apoiava financeiramente a realização dos trabalhos (RIBEIRO & CARDOSO, 2013), em que comunica ter recebido por parte da Mocidade Portuguesa um pedido de colaboração nos trabalhos de campo para estudantes nacionais e estrangeiros, a realizar no Verão de 1956. Solicita então a autorização para a organização desses trabalhos, deixando a logística, montagem da operação e escolha dos estudantes a cargo da Mocidade Portuguesa, reservando para si a componente arqueológica, pedindo orientações. Este pedido obriga a determinadas reflexões por parte da Junta Nacional de Educação (JNE), que designou como relator o Dr. J. M. Bairrão Oleiro. Segundo o interessante parecer por este elaborado, por falta de experiência de organização de campos de trabalho deste género em Portugal, seria prudente começar com estudantes nacionais. Serviria como “trabalho de campo experimental”, apenas com um reduzido número de estudantes, que se ocupariam de tarefas mais delicadas, como levantamentos, desenhos de perfis e secções, lavagem e selecção de materiais, inventariação, colagens e restauros, preparação e execução de cortes estratigráficos, redacção de diários de escavações, etc., evitando desta forma alguns conflitos que pudessem surgir com os demais trabalhadores recrutados, com tarefas já bem definidas. Caso esta experiência obtivesse resultados positivos, então seria de avançar ulteriormente para a participação de estudantes estrangeiros e organizar outros trabalhos de campo no futuro. A falta de meios financeiros e carências reconhecidamente assumidas, deveriam ser dissimuladas dentro do possível, pois, caso a organização deste primeiro campo de trabalho corresse mal na presença de estudantes ou investigadores estrangeiros, mais bem preparados e apetrechados, poderia traduzir-se por certo embaraço colocando em cheque os organismos estatais, bem como a imagem do próprio País.

Tendo presente esta advertência, a organização de campos de trabalho internacionais de Arqueologia ulteriormente realizados em Portugal tiveram o apoio oficial, e saldaram-se por assinalável aceitação, sendo considerados de interesse e proveito por parte da JNE, designadamente para os estudantes de Arqueologia, que teriam assim a oportunidade de desenvolvimento de aptidões, conferindo-lhes conhecimentos práticos em complemento dos adquiridos nas Faculdades. Constituiriam, além disso, uma mais valia, pois eram poucas as possibilidades que se lhe ofereciam de participarem activamente em trabalhos de campo, pelo que A. do Paço adoptou idêntico procedimen-

to pouco depois, aquando da exploração por si conduzida do povoado pré-histórico da Parede, no concelho de Cascais (PAÇO, 1964).

Em 1957, por indicação do Prof. Gordon Childe, tomou parte das escavações a arqueóloga Célia Topp, que fora aluna do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres, para o estudo dos alfinetes em forma de “cabeça de papoula”, considerados mais um indicador de influências oriundas do Mediterrâneo oriental. É interessante sublinhar a estreita amizade existente entre os dois arqueólogos. Em 1953, Paço dedicou-lhe artigo nesse ano publicado acerca dos perfis dos vasos não decorados, respondendo assim a observação que Childe lhe fizera a tal respeito, provavelmente nas férias do Natal de 1949, quando visitou VNSP (CARVALHO, 1991, p. 275). A admiração que lhe devotava Paço encontra-se expressivamente registada no tratamento por “mestre e amigo” (PAÇO, 1953). Mais tarde, dedicou-lhe a publicação relativa à 20.^a campanha de escavações: “*À memória do querido Mestre e Amigo Prof. Gordon Childe, grande admirador de VNSP que a morte vitimou tragicamente, na Austrália, em Outubro de 1957*” (PAÇO, 1958 a).

Compreende-se o entusiasmo do eminente pré-historiador anglófono por VNSP, por este sítio se ajustar na perfeição à perspectiva difusionista que desde sempre defendeu, sublinhando-se a proximidade entre estes dois homens, politicamente tão distintos, mas cientificamente afins, contrariando o invocado monopólio da concepção arqueológica marxista childeana por parte dos seus putativos “seguidores” portugueses da época.

Em 1959, é a vez de estar presente o Dr. H. N. Savory, da Universidade de Oxford e Director do Departamento de Arqueologia do National Museum of Wales (Cardiff) juntamente com Miss Brenda Capstick, da mesma Universidade e do Council for British Archaeology (Londres), especialista em fortificações pré e proto-históricas.

Foi somente com a colaboração de Savory, que se procedeu a um verdadeiro registo estratigráfico completo do sítio arqueológico, mediante a realização de um corte executado na muralha interna do dispositivo defensivo (fortificação central), apenas publicado de forma exaustiva em 1970 (SAVORY, 1970). Este trabalho foi contudo precedido de observações que, desde 1950, se efectuaram sobre a estratigrafia, pelo reconhecimento da presença de cerâmicas caneladas do Calcolítico Inicial do grupo dos “copos” nas camadas mais baixas e das produções campaniformes nas camadas superiores da sucessão estratigráfica (PAÇO, 1954). Tal observação foi precisada na campanha de escavações de 1956, quando se verificou a existência de uma camada basal, subjacente à muralha da fortificação central, designada por Vila Nova I, contendo fragmentos das referidas produções (PAÇO, 1958 a; PAÇO, 1958 b), antecedendo portanto a realização do corte estratigráfico por Savory.

Da mesma forma, haviam-se claramente reconhecido em 1951 “lanços de muralha”, que não são mais do que a face interna da muralha da fortificação central, conforme transparece claramente da planta então publicada (Fig. 6) (PAÇO, 1952, Fig. 2). Acontece porém que estas observações essenciais foram publicadas sem que tivessem havido a preocupação de as contextualizar e enquadrar numa sequência estratigráfica geral, que só com Savory foi obtida, apresentando-se como meros aspectos isolados de uma realidade cujo fio condutor escapava por completo a Afonso do Paço. A sua incapacidade de interpretação global da situação que denodadamente desenterrava, ano após ano, é evidenciada pelo facto de, uma vez identificado o aludido pano de muralha, em 1951, não ter sido capaz de o seguir, através de uma simples escavação em extensão.

O referido corte evidenciava a notória complexidade de ocupações e de fases construtivas que caracterizam este povoado, vindo assim a constituir complemento da planta publicada por Paço e Sangmeister.

Se os contributos mais decisivos sobre os progressos do conhecimento científico do sítio se devem a estrangeiros, que ali trabalharam na segunda metade da década de 1950, já a escavação ia nos seus quase vinte anos de existência, tal parece explicar-se pelo facto de os arqueólogos nacionais daquela época, em geral, e em particular Afonso do Paço, não possuírem a preparação necessária para proceder a um trabalho de escavação e de registo criteriosos, compatíveis com a envergadura do sítio arqueológico em apreço e com a sua interpretação global, que se impunha. Apesar de todo o seu empenho e honestidade científica, Afonso do Paço e os seus escassos colabo-



Fig. 7 – Júlio Martínez Santa-Olalla, de visita às grutas de Alapraia, em 1944 (foto gentilmente cedida pelo Prof. José d'Encarnação).

radores de terreno, designadamente M. L. Costa Arthur, cuja experiência anterior se desconhece, não possuíam a preparação necessária para meterem ombros a tão exigente tarefa. Não obstante, é assinalável a actualização científica de Afonso do Paço, proporcionada pela sua frequente comparência em reuniões internacionais e pelo convívio e permuta de publicações com arqueólogos estrangeiros, como se conclui das citações a que recorre no âmbito das comparações dos espólios recuperados.

Afonso do Paço, reconhecendo a evidência da superior preparação técnica e científica dos seus colegas estrangeiros que com ele trabalharam em VNSP, sentia-se muito confortável no papel de anfitrião, por forma a valorizar a estação arqueológica a nível internacional e a assegurar a defesa do seu próprio trabalho. Foi sem dúvida opção inteligente e fora da sua época, dado o secretismo então reinante na actividade arqueológica, incentivado e praticado ao mais alto nível (CARDOSO, 1999). Mas essa ajuda no terreno, consubstanciada pela presença de Sangmeister em 1955 e de Savory em 1959 chegou tarde, quando a maioria da estação se encontrava já irremediavelmente escavada, sem registos susceptíveis de perceber os contextos removidos, as sequências, e as estruturas de carácter habitacional definitivamente destruídas. Assim, as fundadas reservas do Vogal da Junta Nacional da Educação (JNE) Dr. Bairrão Oleiro, ao apreciar a conveniência da abertura de um campo internacional de Arqueologia em VNSP, corroboram a consciência que as autoridades portuguesas – ou os seus elementos mais lúcidos e informados – tinham da inferior qualidade do trabalho ali realizado, quando comparado com o que de melhor então se fazia além-fronteiras. Vila Nova de São Pedro foi escavada cedo demais, pior, numa época em que já se não poderiam admitir deficiências e lacunas tão gritantes, que deixavam mal impressionados alguns dos visitantes. Um de nós (J.L.C.) teve a oportunidade de registar em 1998 uma dessas opiniões, transmitida por um então jovem pré-historiador inglês, que visitou a estação em 1954, o Dr. Humphrey Case, não obstante os desvelados elogios emitidos por todos os visitantes estrangeiros relativamente ao sítio, de certo

influenciados mais pela impressão de coisa nova e então absolutamente única que este lhes causava, do que pela qualidade dos trabalhos que ali presenciaram.

Em 1944, o Prof. Júlio Martínez Santa-Olalla, Professor da Universidade de Madrid e Comisario General de Excavaciones Arqueológicas, visita ao povoado, aquando de uma sua deslocação a Portugal (Fig. 7). A extraordinária impressão que este lhe provocou, levou-o a convidar os escavadores para publicarem, em Madrid, um sumário dos resultados das escavações, conforme declarou mais tarde A. do Paço (PAÇO, 1954, p. 31), o que conduziu a importante publicação de síntese (JALHAY & PAÇO, 1945). E, em entrevista concedida ao Correio da Manhã, publicada na edição de 22 de Abril daquele ano, o ilustre Catedrático espanhol sublinha a importância transcendente do sítio para o conhecimento daquela sociedade pré-histórica, para a História da Península e da Europa, e das suas relações com o Egipto, e outras regiões europeias, incitando as autoridades portuguesas a um esforço maior para se concluírem as escavações, tendo em vista a exposição dos espólios recuperados, posição idêntica à que, dez anos volvidos, transmitiu aos participantes no Congresso de Madrid, em 1954, após Afonso do Paço ter ali apresentado a sua comunicação sobre os resultados obtidos nas campanhas de 1952 e de 1953 (PAÇO & SANGMEISTER, 1956 a, p. 97).

A par da importância do sítio, desde cedo despertou interesse nos arqueólogos estrangeiros que o visitavam, o exotismo de alguns dos objectos nele encontrados, o que justificou o já citado trabalho pioneiro de Eugénio Jalhay salientando as afinidades pré-dinásticas egípcias de alguns deles. Por tais motivos, em 1945, o Prof. Júlio Martínez Santa-Ollala, solicitou que fossem exportados alguns objectos encontrados nas escavações para a sua apresentação e divulgação em Madrid. Em conformidade, a DGEMN remeteu ofício à JNE, enviando o requerimento apresentado por Afonso do Paço ao Conselho Técnico Corporativo do Comércio, informando que se pretendia exportar para Espanha objectos como fragmentos cerâmicos, escórias de metal, machados, entre outros, para o qual foi emitido um parecer declarando não existir inconveniente mas que tal exportação deve ser autorizada apenas quando for possível a permuta de objectos. Neste caso específico foi dispensada essa permuta, dadas as ofertas frequentes do Professor a quem se destinam os objectos, sendo apenas necessário, para poderem seguir viagem, um documento do Ministério da Educação Nacional, declarando que os objectos em questão não têm valor arqueológico e que podiam ser exportados. Naturalmente, pela legislação actual tal procedimento não seria possível, a menos que se tratasse de uma cedência temporária, que parece não ter sido o caso: mas tudo tem de se compreender e interpretar no quadro de cada época.

As preocupações anteriormente expressas por aquele Catedrático madrileno, para que fossem rapidamente concluídas as escavações, eram inteiramente partilhadas por Afonso do Paço. Se este não pôde fazer mais, nem melhor, isso se deve, não a negligência, ou falta de empenho, mas a limitações inerentes à sua preparação, e também aos constrangimentos de toda a ordem com que teve sempre de conviver, no decurso das escavações, a começar pelos magros orçamentos que anualmente lhe eram concedidos, cujos respectivos montantes foram sempre por ele publicados. A esta realidade desfavorável, somavam-se as obrigações profissionais, das quais não era dispensado, que o impediam de prolongar por muito tempo (usualmente apenas duas a três semanas por ano) as suas estadas em VNSP, frequentemente entrecortadas por vindas a Lisboa, impedindo-o de permanecer no terreno tanto tempo quanto desejaria: a este título, é expressivo o que diz no respeitante à campanha de 1950: “Até ao fim da campanha só pudemos ir a Vila Nova nas sextas-feiras à noite, recolhendo a Lisboa no fim da tarde de Domingo. Praticamente só acompanhámos as escavações durante os sábados, o que não nos permitiu um contacto directo com o decorrer dos trabalhos” (PAÇO, 1954, p. 78).

Está-se, pois, muito longe, da situação de privilégio institucional e financeiro que lhe é atribuída por outrem (LILLIOS, 1996), por má-fé ou simplesmente em resultado do lamentável e absoluto desconhecimento da realidade arqueológica portuguesa do Estado Novo, no que se refere designadamente às investigações em Pré-História então efectuadas.



Fig. 8 – Vista parcial de norte da fortificação interna da VNSP, evidenciando-se dois dos bastiões maciços que a integram. Arquivo de O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso.

Apesar da monumentalidade das estruturas defensivas postas a descoberto de forma concludente desde 1955 (Fig. 8), da importância e quantidade de artefactos recuperados, e da verdadeira aproximação pluridisciplinar que Afonso do Paço adoptou no estudo dos materiais exumados: ossos de animais, macrorrestos vegetais, ligas metálicas de cobre, moluscos, sedimentos, datação pelo radiocarbono, cartografia geológica, fazendo dele um pioneiro em Portugal no tocante à aproximação metodológica que adoptou, Vila Nova de São Pedro pode considerar-se como uma estação em parte perdida para a ciência, por impossibilidade de se poderem confrontar observações que só poderiam ter sido efectuadas no decurso das escavações com as realizadas nos seus congéneres estremenhos mais próximos pela monumentalidade e importância: Leceia em Oeiras, e Zambujal, em Torres Vedras. Aquando do início das escavações no Zambujal, em 1964, por uma equipa do Instituto Arqueológico Alemão, constituída pelo Professor Edward Sangmeister, o seu então jovem assistente Hermanfrid Schubart e um grupo de alunos da Universidade de Friburg, os mesmos visitaram VNSP, como não podia deixar de ser. Também em 1964 a arqueóloga brasileira Dr^a. Margarida Davina Andreatta, Professora da Faculdade de Filosofia da Universidade de Curitiba, Estado do Pará, que então colaborava nas escavações dos concheiros mesolíticos de Muge (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000), visitou as escavações.

A partir de 1965 as informações disponíveis escasseiam. O último relatório existente a que se teve acesso respeita aos trabalhos realizados em 1967, correspondendo a documento pouco detalhado do que foi efectivamente realizado. Apesar de ali se preverem de novo trabalhos em 1968, estes jamais se vieram a realizar, em virtude da prolongada doença que atingiu A. do Paço e da qual ele veio a falecer, naquele ano. Seja como for, no decurso da década de 1960, A. do Paço encontrava-se então muito mais interessado no estudo da Cultura Castreja, por via da direcção das escavações da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), que prosseguiam a bom ritmo, bem como no estudo da Arqueologia do Alto Alentejo, o que explicava a sua permanência recorrente na cidade de Évora.

O espólio arqueológico recolhido em VNSP, que resultou de uma das mais longas escavações realizadas em Portugal, ao longo de trinta anos consecutivos, poderia, caso as escavações tivessem sido realizadas com outra metodologia, registando metodicamente os locais de achado específicos, a estratigrafia e a sua relação com a sequência das fases construtivas susceptíveis de serem identificadas globalmente na estação, revestir-se de um interesse científico muito maior, para o conhecimento da génese das sociedades peninsulares da Idade do Cobre e das suas relações com o Mediterrâneo Oriental. Seja como for, também não se poderá perfiar a rejeição absoluta do seu valor científico, como já alguém sugeriu a propósito do próprio sítio arqueológico, o que corresponderia a uma posição extremista, e completamente à margem da realidade evidenciada pelo notável acervo depositado no Museu do Carmo em Lisboa, complementado pelos pequenos núcleos integrados nas exposições permanentes do Museu Sebastião Arenque (Azambuja) e do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer).

3 - EPÍLOGO

Em 1971, o povoado “eneolítico” de VNSP, foi classificado como Monumento Nacional, pelo Decreto-Lei n.º 561/71 de 22 de Novembro de 1971, coroando os esforços que Afonso do Paço vinha desenvolvendo desde 1951. Com efeito, este processo de classificação teve início nessa época, quando a Direcção-Geral da Fazenda Pública deu conhecimento à JNE da publicação de um artigo no Diário de Notícias, com o título: *“Um povoado arqueológico que chama a atenção do mundo científico”*, que referia várias descobertas feitas no “castro” de VNSP, afirmando tratar-se de uma das mais notáveis povoações pré-históricas do País e que seria de considerar a classificação do mesmo. É interessante verificar como a Comunicação Social, sendo bem aproveitada, se pode revelar eficaz, pela sua visibilidade e impacto na opinião pública, provocando iniciativas que de outro modo, não teriam possibilidade de afirmação efectiva. Aliás, este aspecto não era indiferente a Afonso do Paço, pois desde pelo menos 1942 foram publicadas notícias dos trabalhos arqueológicos, em diversos jornais de Lisboa (PAÇO & JALHAY, 1942, nota 1). Porém, a publicação da planta da área de efectivo interesse arqueológico não acompanhou a do diploma, o que torna a aplicação legal deste, no mínimo, problemática.

Após longo período de abandono, só interrompido pela benéfica campanha de limpeza e consolidação das estruturas efectuada em 1983, que acompanhou a elaboração de uma nova planta do povoado (OLIVEIRA & FERREIRA, 1990), iniciaram-se novas escavações, em 1985/1986, dirigidas por Victor S. Gonçalves, cujos resultados ainda se não encontram publicados. Desde então, e até à data, passaram mais de 27 anos sem se vislumbrar mais nenhuma campanha de escavações ou de consolidação das estruturas arqueológicas postas a descoberto, nem a sua realização num futuro próximo, apesar de existirem ainda muitas questões a que esta estação arqueológica poderia dar resposta, através da escavação de vastas áreas ainda incólumes, sem esquecer a importância patrimonial do sítio arqueológico e o seu notável potencial cultural.

Actualmente, VNSP encontra-se em condições deploráveis, votado ao mais vil e total abandono e à mercê da degradação que o tempo lhe vai impondo.

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Lúcio Costa, Presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova de São Pedro.

Ao Dr. José Machado Pereira, do Museu Municipal Sebastião Arenque (Azambuja).

À Dra. Françoise Le Cunff, do Arquivo Histórico do Ministério da Educação.

Ao Drs. Paulo Tremeceiro e Graça Barros, do Arquivo Nacional Torre do Tombo.

BIBLIOGRAFIA

- BLANCE, B. (1957) – Sobre o uso de torreões nas muralhas de recintos fortificados do 3.º milénio a.C. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 57 (1/2), p. 169-178.
- Cardoso, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2009) – O povoado pré-histórico do Carrascal (Oeiras) e os rituais associados a grandes bovídeos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 117, p. 357-370.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CARDOSO, J. L.; VILLSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARVALHO, A. (1991) – Arqueólogos e investigação arqueológica em Cascais entre 1940 e 1960. *IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 267-275.
- CUNHA, A. Xavier da (1961) – Sobre a ocorrência do Castor (*Castor fiber* L.) na fauna mamológica do Castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro. *Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 270 (separata).
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço (1895-1968). *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 9-35.
- FERREIRA, O da Veiga & OLIVEIRA, H. N. (1990) – Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Revista Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 49-58.
- GOMES, M. V. (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (coord.), *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 165-178.
- JALHAY, E. (1943) – O castro eneolítico de Vila Nova de São Pedro e as suas relações com o Norte Africano e o Mediterrâneo oriental. *Quarto Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. (Porto, 1942)*. Actas. Porto: Imprensa Portuguesa, 8, p. 107-117.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. (1945) – El castro de Vila Nova de S. Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LILLIOS, K. T. (1995) – Nationalism and Copper Age research in Portugal during the Salazar regime (1932-1974). *Nationalism, politics and the practice of archaeology*. KOHL, P. L. e FAWCETT, C., eds. London: Cambridge University Press, p. 57-69.
- PAÇO, A. (1943) – Uma vasilha de barro de grandes dimensões do “castro” de Vila-Nova-de-São-Pedro. 4.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942). Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 8, p. 132-143.
- PAÇO, A. (1952) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: I – 15ª Campanha de escavações *Brotéria*. Lisboa. 54 (3). Separata.
- PAÇO, A. (1953) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. III – Perfis de bordos de vasos não ornamentados. *O Instituto*. Coimbra. 115, p. 399-412.

- PAÇO, A. (1954) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 3, p. 31-80.
- PAÇO, A. (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: VII – considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.
- PAÇO, A. (1957) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. IX – Forno de cozer cerâmica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67 (1/2), p. 83-94.
- PAÇO, A. (1958 a) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: X – Campanha de escavações 1956 (Aditamento: campanhas de 1952, 1953 e 1954). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 8, p. 43-91.
- PAÇO, A. (1958 b) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XI – Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. (1964 a) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIV – Vida económica. XV – O problema campaniforme. XVI – Metalurgia e análises espectrográficas. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 14, p. 133-165
- PAÇO, A. (1964 b) – *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- PAÇO, A. & ARTHUR, M. L. C. (1953) – Castro de Vilanova de San Pedro. IV – sementes pré-históricas de Linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 4, p. 151-157.
- PAÇO, A. & ARTHUR, M. L. C. (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. V – Notas sobre sementes pré-históricas. *I Congreso Arqueológico del Marruecos Español (Tetuán, 1953)*. Actas. Tetuan, p. 183-187.
- PAÇO, A. & ARTHUR, M. L. C. (1956) – “Castro” de Vila Nova de S. Pedro. *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas (Madrid, 1954)*. Actas. Zaragoza, p. 535-541.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1939) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: notas sobre a 1.^a e 2.^a campanhas – 1937 e 1938. *Brotéria*. Lisboa. 28 (6); 29 (1, 4 e 5). Separata.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1942) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: notas sobre a 3, 4.^a e 5.^a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*. Lisboa. 34 (6). Separata.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1943) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: notas sobre a 6.^a campanha – 1942. *Brotéria*. Lisboa. 37 (1). Separata.
- PAÇO, A. & SANGMEISTER, E. (1956 a) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: VIII – Campanha de escavações 1955 (19.^a). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 7, p. 93-114.
- PAÇO, A. & SANGMEISTER, E. (1956 b) – Vila Nova de S. Pedro eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Germania*. 34 (3/4), p. 212-230.
- RIBEIRO, M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro. (1937-1967). *I Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 2013)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.39-47.
- SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 135-148.
- SIRET, L. (1913) – *Questions de chronologie et d’ethnographie ibériques*. Paris: Paul Geuthner.
- SOARES, A. M. Monge (2005) – A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (coord.), *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 179-188.
- SOARES, A. M. Monge (2008) – O. da Veiga Ferreira e as primeiras datações de radiocarbono para a arqueologia portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 377-382.